

CONSAGRAÇÃO OU DESQUALIFICAÇÃO: JORGE AMADO, RACHEL DE QUEIROZ E A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

MARISA SCHINCARIOL DE MELLO**

“...vem de Machado a tradição das cadeiras reservadas aos candidatos das diversas categorias do poder...a tradição dos expoentes perdura ainda hoje. Escritores, uns poucos e nem sempre os melhores. Deixa pra lá”.

Jorge Amado, Navegação de cabotagem

“Academia Brasileira de Letras: tem de tudo, até escritor”¹

A ABL existe sob um paradoxo entre a legitimidade inegável e, ao mesmo tempo, o seu discutido prestígio. De sua legitimidade, no campo da literatura, destaca-se desde seu fundador, o escritor Machado de Assis, passando por Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Dias Gomes, Lygia Fagundes Telles, entre muitos outros. Outro aspecto desta mesma face é a autoridade de suas posições institucionais e de seus membros no interior do campo literário e em relação a sociedade como um todo. Seu discutido prestígio decorre, principalmente, da proposta de pluralidade que ela defende, ou seja, a eleição de membros de fora das Letras. Entre os casos emblemáticos de entrada de não-literatos estão a eleição de Santos Dumont²; Getulio Vargas em pleno Estado Novo³, Marcos Maciel⁴; Ivo Pitanguy⁵; Nelson Pereira dos Santos⁶; Roberto Marinho⁷, entre outros⁸.

** Universidade Federal Fluminense, doutoranda pelo Prog. de Pós-graduação em História, bolsista do CNPq.

¹ Frase encontrada em blog na internet por ocasião da eleição do jornalista, de O Globo, com pífia produção literária, Merval Pereira, em 03/06/2011, para a ABL WWW.ovendedordelivros.com.br/2011/06/academia-brasileira-de-lettras-tem-de.html. Pesquisa realizada em 06/06/2011.

² O aviador e inventor, que nada publicou.

³ Em 1941.

⁴ Senador e professor de direito que quase nada escreveu. Entrou para a ABL, em 2003.

⁵ Cirurgião plástico, que não possui textos literários publicados, foi eleito para a Academia em 1990.

⁶ Cineasta, que pouco escreveu, entrou para a ABL em 2006.

⁷ Jornalista e empresário brasileiro, dono das Organizações Globo, foi eleito para a ABL em 1993 e nunca publicou um único livro.

⁸ Jorge Amado comenta, em *Navegação de Cabotagem*, sobre a eleição de Sarney, afirmando gostar muito do livro de contos, *Norte das Águas*, mas já estar comprometido na ocasião com Orígenes Lessa

Além disso, pesa sob ela o princípio do apolitismo, que na prática, desde o início, nunca existiu. Dessa forma, a eleição de literatos, ainda mais escritores consagrados diante do público leitor e da crítica literária, reforça sua legitimidade social, o que é o caso de nossos autores Rachel de Queiroz e Jorge Amado. Analisando os discursos e memórias dos acadêmicos, a imprensa da época, a pequena bibliografia existente sobre o assunto e os discursos oficiais da Instituição, este artigo destaca as principais questões que envolveram a entrada de nossos autores para esta instituição, e a partir destas reflete sobre o lugar da ABL no campo literário brasileiro e sua relação com outros campos, como o da política, além do econômico. (Bourdieu, 1996 e 1992)

Seguindo o modelo da Academia Francesa, a Academia Brasileira de Letras é constituída por 40 membros efetivos e perpétuos. No entanto, uma diferença marcante com a Academia Francesa é que esta só aceita literatos. Além deste quadro, existem 20 membros correspondentes estrangeiros. Os imortais são escolhidos mediante eleição por escrutínio secreto.⁹

As dissertações de mestrado de José Paulo Rodrigues e de Alessandra El Far tratam da história e consolidação da Academia e, em conjunto, estudam o período compreendido entre sua fundação e o ano 1924. José Paulo concentra-se no debate sobre o apolitismo da instituição, que segundo o autor, os acadêmicos não conseguiram preservar. O trabalho de Alessandra relaciona o surgimento da Academia ao contexto da época e, temporalmente, sua pesquisa termina por analisar, justamente no ano de 1924, a polêmica entre os Modernistas e a Academia.¹⁰

(Jornalista, romancista e ensaísta brasileiro, foi eleito para a ABL), do qual incentivou a candidatura. Sarney foi eleito no ano de 1979 e Orígenes Lessa em 1981. Há outros comentários sobre os bastidores das eleições na Academia, onde o autor critica que, logo após o Golpe de 1964, Santiago Dantas (jornalista, advogado, professor e político - deputado federal e Ministro das Relações Exteriores), que estava “eleito” antes do mesmo, foi derrotado por motivos claramente políticos, já que havia sido Ministro da Fazenda do Governo Goulart. O mesmo aconteceu com Juscelino Kubitschek, que perdeu muitos votos devido à pressão dos “gorilas para quem a derrota do Ex-Presidente, civil e democrata, tornara-se ponto de honra”. (AMADO, 2006: 237) Estas confissões só reforçam a hipótese de que o apolitismo não se aplica aos bastidores das eleições.

⁹ Quando um Acadêmico falece, a cadeira é declarada vaga na Sessão de Saudade, e a partir de então os interessados dispõem de um mês para se candidatarem. A eleição transcorre três meses após a declaração da vaga. No sítio da instituição, destaca-se que “o estatuto da Academia Brasileira de Letras estabelece que para alguém candidatar-se é preciso ser brasileiro nato e ter publicado, em qualquer gênero da literatura, obras de reconhecido mérito ou, fora desse gêneros, livros de valor literário.”

¹⁰ Em junho de 1924, Graça Aranha proferiu um discurso questionando os preceitos que até então vinham justificando a existência da Academia. Segundo ele, o passado evocado pelos acadêmicos era uma invenção e sua tradição, festejada nas sessões solenes, se resumiria em um império de velhices. Era

Desde sua fundação oficial, em 1897¹¹, por iniciativa de Lúcio de Mendonça, foi realizado um investimento por parte dos Acadêmicos no sentido de consolidar a importância da instituição através dos usos simbólicos das noções de imortalidade e de tradição literária, que dialogavam com os padrões culturais da sociedade carioca da virada do século XIX para o século XX. O grupo de fundadores da Academia mantinha relações pessoais e, em geral, o mesmo se dava com muitos dos Patronos, que foram escolhidos para cada uma das 40 cadeiras. Havia uma elite cosmopolita que consumia romances franceses, pagava para assistir a conferências literárias, adotava as últimas modas ditadas pelo gosto europeu e valorizava um tipo de saber produzido nas universidades e institutos que tornava o meio muito favorável à tradição que a Academia inventava, nos termos do historiador Eric Hobsbawm (HOBSBAWN, 1997), de permanência do purismo gramatical e do modelo da literatura portuguesa. Embora nos estatutos de fundação da Academia estivesse destacada o cultivo da língua e da literatura brasileira, pouco se fez neste sentido nos primeiros anos da Academia.

Entre as principais razões que levaram à Fundação da Academia destacam-se três, que por sua vez encontram-se interligadas: a busca pela redefinição do lugar e do papel do homem de letras na sociedade brasileira; criar um espaço institucionalizado de onde fosse possível interferir com legitimidade na constituição da tradição cultural, lingüística e literária nacional; tornar-se um referencial de elegância e civilidade para o país, tanto do comportamento, quanto do pensamento, ambos inspirados no Iluminismo.¹²

necessário, portanto, demoli-la e construir uma nova no espírito moderno, de maneira a descobrir a expressão própria do nosso país. Este discurso dividiu a platéia entre os modernistas e os adeptos da ABL, que indicaram Coelho Neto para defender a instituição imortalizadora, que o consagrou como expoente máximo do passadismo acadêmico. (EL FAR, 2000: 126-127)

¹¹ Já há notícias de fundação da ABL, desde 1847, novamente em 1878, em atas do IGHB, no entanto, a proposta não foi levada adiante. No período de transição do regime monárquico para o democrático, a ideia foi retomada e levada adiante por Lúcio de Mendonça. Desde sua fundação, quis abrigar tanto monarquistas quanto republicanos. Em 1900, foi reconhecida como de utilidade pública e adquiriu o direito de publicar suas obras por meio da Imprensa Nacional. <http://paulodmonteiro.blogspot.com/2009/10/academia-passo-fundense-de-letras.html>

¹² Em artigo intitulado “Crítico severo, acadêmico sereno”, Miguel Sanches Neto destaca a mudança de posição de um de seus fundadores, Machado de Assis. Inicialmente, o autor defende, como crítico, conceitos como imparcialidade, engajamento objetivando a modificação dos comportamentos sociais. A crítica, para ele, seria responsável por aproximar a política e a literatura. No entanto, a experiência crítica do escritor mostra-se frustrada quando autores que havia analisado, como Silvio Romero, não satisfeitos com seu julgamento, começam a atacar a obra de Machado. Sua literatura, neste momento,

Ao longo da década de 1910 ingressaram na Academia pessoas de grande fama nacional, e cada vez menos ligadas à literatura. No bojo do mesmo processo, os eventos acadêmicos eram noticiados pela imprensa, pois pertenciam à agremiação membros de variados círculos da elite carioca. Durante a década de 1920 o prestígio da associação foi crescente, e o reconhecimento pela via institucional tornou-se importante para muitos que desejavam consagrar-se na carreira literária. Podemos incluir entre estes os modernistas que, se em 1924 declararam a morte da Academia, segundo eles, marcada desde sua origem pela submissão e reflexo da Academia Francesa, invenção estrangeira, no decênio seguinte vieram pleitear uma vaga no panteão dos imortais, tais como Alceu Amoroso Lima, José Lins do Rego, Manuel Bandeira, entre outros, como os simbolistas:

“Mesmo sendo duramente criticada por seu tradicionalismo caduco, desolado da verdadeira cultura brasileira, e por sua influência nula no desenvolvimento literário do país, a Academia continuou a representar um espaço consagrado, de importância ímpar para os que se dedicavam ao ofício das letras”. (EL FAR, 2000: 132)

Dos trinta Acadêmicos eleitos entre 1930 e 1945, mais de vinte ocupavam altos escalões do governo. Durante o período da Ditadura Militar, por outro lado, a eleição de pessoas cassadas pelo Regime podem sinalizar a discordância da Academia com a perseguição de intelectuais e homens de cultura. Ou seja, as relações entre a Academia e o Estado são ao mesmo tempo de distância e proximidade, conflito e cooperação, dependendo da conjuntura política e de interesses específicos no interior do campo.

O trabalho de Valéria Costa e Silva, *Os segredos da imortalidade*, é resultado de pesquisa de campo realizada nos anos de 1997 e 1998 sobre os significados que a

apresenta histórias desencantadas, com a publicação, em forma de folhetim, em 1880, por exemplo, do livro “Memórias Póstumas de Brás Cubas”. A decepção com a crítica correspondia a desilusão com o projeto de construção de um país civilizado. Segundo Miguel Sanches, “Não acreditando mais na reforma moral e política nem mesmo da reforma do gosto estético do homem brasileiro, Machado de Assis passa a retratá-lo a partir de suas deformações. Resta o riso”. O escritor, então, vai modificando sua postura crítica para estabelecer laços, escrevendo vários prefácios amistosos, ampliando sua rede de relações no interior do campo e garantindo aceitação recíproca no mesmo. Para ampliar sua influência, Machado torna-se Presidente da Academia Brasileira de Letras, que se consagra como um espaço de convívio diplomático e pouco crítico. O autor desloca-se de uma posição de arte engajada para a de arte pela arte, assumindo uma postura crítica oblíqua, aprovando ou não a entrada do escritor para este seletivo grupo de escolhidos, “sua própria confraria estética”. WWW.revistaentrelivros.com.br: 12-17.

Academia assume na vida dos acadêmicos, como eles participam do projeto da Casa de forma negociada, e qual o alcance e o sentido imputados por eles à ação da Academia no cenário nacional. Entre os valores enfatizados pela Academia Brasileira de Letras estão a tradição, o pluralismo intelectual, a apolitização, o ritualismo, o formalismo, o individualismo e o elitismo. A Academia representa a posição da ortodoxia no interior do campo literário e se apresenta como lugar de tradição, onde o tom predominante é o da conservação e da auto-cultuação, no sentido de preservar a memória e resgatar do esquecimento, valores – entendidos como pessoas, obras, estilos, pensamentos, realizações – da cultura nacional. Ao proclamar-se a guardiã do padrão culto da língua portuguesa no Brasil, a ABL sente-se vetor fundamental da própria identidade e história brasileiras. Essa tarefa realiza-se tanto via instituição, como pela vivência de cada Acadêmico, e por seus exemplos e testemunhos pessoais.

O sentido do pluralismo, como mencionado no início deste artigo, justifica a entrada de algumas personalidades na Academia e nela reside uma certa crise de identidade e também de legitimidade, entre o seu nome de Academia Brasileira de Letras e o fato dos acadêmicos se proporem a ser expoentes em muitas áreas de atuação, seja ela política, científica, jurídica ou literária. A Academia se propõe a agregar grandes expoentes da cultura brasileira, em seus mais diversos aspectos, tanto de tendências – com variadas expressões da cultura nacional, quanto do ponto de vista acadêmico. A ABL também defende o princípio da apolitização, tanto enquanto instituição, quanto seus membros não devem trazer suas concepções ideológicas ou político-partidárias para o convívio acadêmico. O ritualismo e o formalismo também compõem o *ethos* acadêmico e associam-se ao sentido de conservação da tradição. A ABL pretende funcionar como referencial de comportamento elegante, formal, adequado aos padrões consagrados da sociedade dominante. No entanto, a preservação da memória da cultura, do passado, ocorre de forma dinâmica com a invenção, ressignificação e reforço de seus rituais, símbolos e marcas.¹³ (COSTA E SILVA, 1999: 71-85)

As reuniões ordinárias da Academia são fechadas, a não ser para convidados, em casos excepcionais, que são em geral personalidades consideradas pelos imortais

¹³ Segundo Valeria Costa e Silva, a invenção de símbolos e ritos próprios da ABL, como o fardão, a bandeira, o dístico, as cerimônias de posse, o chá, dão sentido à experiência acadêmica, estabelecendo relações de continuidade entre os Acadêmicos e entre a Academia e a cultura brasileira. Os dois ritos, o de posse e o fúnebre, vinculam-se – moto contínuo – através do elogio do antecessor, feito por aquele que passará a ocupar a Cadeira e que assim assumirá sua tradição e genealogia.

expressivas da cultura, da sociedade, da política, nacional e internacional. Os temas debatidos giram em torno da burocracia da Academia; questões da cultura e da língua brasileiras; bem como as eleições de prêmios; de novos membros; de homenagens a grandes figuras da literatura nacional. É neste espaço que se articula o projeto¹⁴ de interferir na constituição de uma tradição cultural nacional e da língua portuguesa tal como usada no Brasil. (COSTA E SILVA, 1999: 90-95)

Muitas instituições e empresas financiam a Academia atualmente.¹⁵ O Jornal *O Estado de São Paulo*, publicado em 14 de março de 2010, destaca que há uma oposição entre o período de fundação da Academia em relação aos tempos atuais, no que diz respeito à situação financeira da Instituição. Se, na primeira década do século XX a Academia não tinha sede, nem dinheiro em caixa, cem anos depois sua renda anual gira em torno de 12 milhões de reais ao ano.¹⁶ Nas palavras de seu presidente, Marco Antônio Vilaça "A ABL, hoje, é a principal grife cultural do País. Não há nada que tenha sua importância".¹⁷ Os acadêmicos recebem o chamado jeton¹⁸, que pode chegar a R\$ 14.000,00 mensais, em dinheiro, para participar das sessões, duas vezes por semana. Em 2010, o jornalista Paulo Jardim destaca que até na missa em homenagem ao centenário de nascimento de Joaquim Nabuco a ABL pagou o jeton.¹⁹ Os imortais têm plano de saúde, honorários em palestras e vaga no mausoléu da ABL.

A ABL possuía poucos recursos até 1917, quando o livreiro Francisco Alves de Oliveira faleceu e, solteiro, deixou toda a sua fortuna, avaliada em cinco mil contos de

¹⁴ Projeto, considerado neste trabalho pelos termos de Schutz, é uma conduta organizada para atingir fins específicos.

¹⁵ Fundação Banco do Brasil, Unibanco, Varig, Banco Real, Funarte, Fundação Roberto Marinho, Petrobrás, LBV, Correios e Telégrafos, Caixa Econômica, Casa da Moeda, Imprensa Nacional, entre outros (para o ano de 2010)

¹⁶ A matéria destaca que este valor representa 4 vezes o orçamento anual do Museu de Belas Artes, por exemplo. http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100314/not_imp523908.0.php. Pesquisa realizada em 02/02/2011.

¹⁷ No último balanço publicado no seu site, referente a 2006, a ABL tinha em caixa mais de R\$ 20 milhões. Desde 1999, ela recebe os aluguéis de 27 andares do edifício comercial Palácio Austregésilo de Athayde, um dos mais valorizados do centro do Rio. O prédio é fruto de uma transação política que durou 15 anos. A Academia não investiu um tostão, mas virou proprietária do edifício.

Em 2007, o orçamento anual foi de R\$ 11,6 milhões, além dos 30% da renda líquida dos aluguéis (R\$ 4, 1 milhões), que, pelo regimento da casa, devem ser investidos num fundo para emergências.

¹⁸ O jeton existe desde 1900, quando a Academia conseguiu subvenção oficial, no entanto, os valores eram simbólicos. Em 1915 a Academia Brasileira de Letras tinha uma subvenção anual de 15 contos de réis, paga em duas parcelas, o que lhe permitiu pagar um jeton de 20 mil réis por reunião.

¹⁹ <http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/cultura/missa-com-jetom/>

réis, incluindo imóveis no Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte para a Academia. Em troca, a Instituição deveria promover concursos literários e premiar escritores. Dois anos depois, Francisco Ramos Paz doou dez contos de réis em apólices com a condição de que os rendimentos servissem para patrocinar prêmios literários. Durante o Modernismo, a ABL viveu um período de instabilidade e questionamento. Passado o furacão modernista a estabilidade retornou à Casa de Machado de Assis, já instalada no Petit Trianon, prédio que lhe foi doado pelo governo francês²⁰. Na década de 1960, o presidente Austregésilo de Athayde, que dirigiu a Academia durante mais de trinta anos, conseguiu que o governo da União doasse à instituição um terreno ao lado do Petit Trianon. A parceria com uma imobiliária permitiu a construção de um grande edifício. Hoje ele está integralmente nas mãos da Academia. Os aluguéis são uma importante fonte de renda permitindo a manutenção de uma equipe com mais de cem funcionários, contribuindo para que a Academia Brasileira de Letras funcione como uma verdadeira empresa.²¹²²

Em 1961, Jorge Amado é eleito por unanimidade²³, embora candidato único, para a cadeira 23 da Academia Brasileira de Letras. Quinto ocupante desta cadeira, foi eleito para a sucessão de Otávio Mangabeira e recebido pelo Acadêmico Raimundo Magalhães Júnior.²⁴ Realizou uma campanha eleitoral seguindo o ritual da Academia de telegramas,

²⁰ Em 1923, o governo francês doou à Academia uma réplica do Petit Trianon de Versalhes, prédio erguido, no ano anterior, para abrigar o pavilhão da França na Exposição do Centenário da Independência. A sede própria dispõe, no pavimento térreo, de um Salão Nobre e outras belas salas, destacando-se a Sala dos Poetas Românticos e a Sala Machado de Assis. No andar superior, estão a Sala de Sessões, a preciosa Biblioteca e o salão de chá.

²¹ <http://paulodmonteiro.blogspot.com/2009/10/academia-passo-fundense-de-letras.html>

²² O Última Hora, em 19 de agosto de 1977, destacava que “Rachel de Queiroz, quando envergasse seu fardão, com a griffe de Guilherme Guimarães, vai encontrar em breve uma Academia com altos confortos para os imortais, que como todo mundo sabe, também não são de ferro. O novo prédio da Academia Brasileira de Letras dará a cada imortal: um gabinete com secretária, serviço volante de lanches, e até um jeton mensal melhorado.”

²³ O prêmio mais importante da Academia, o Machado de Assis, já mencionado em nossa análise sobre os prêmios literários tinha, no ano de 1961, a “miserável dotação de 25 mil cruzeiros”, enquanto a Editora Nacional, premiando um único livro de poesia, oferecia prêmio 16 vezes maior. Como consequência, a primeira e única proposta de Jorge apresentada à Academia foi de aumentar o prêmio para 500 mil cruzeiros. A proposta nunca chegou ao plenário para discussão e votação.

²⁴ A cadeira 23 tem por fundador Machado de Assis. Antes de Jorge Amado, ocuparam a cadeira os seguintes intelectuais: Lafayette Rodrigues Pereira, Alfredo Pujol, Otávio Mangabeira. A escritora e esposa do autor, Zélia Gattai o sucedeu. Zélia faleceu em 2008 e, atualmente, quem ocupa a cadeira é Luis Paulo Horta.

telefonemas e visitas aos acadêmicos; e foi empossado com o fardão. Recebeu os Acadêmicos Adonias Filho e Dias Gomes, estando estreitamente ligado a estas candidaturas.

Jorge declara então para O jornal, em 7 de abril de 1961:

“A principal razão que me levou a candidatar-me à vaga da academia foi encontrar uma série de motivos que a ela me encaminhavam. Meu patrono é José de Alencar; o primeiro ocupante da cadeira 23 foi Machado de Assis e o último a sentar-se nela foi um baiano como eu, o ilustre Otávio Mangabeira. O homem Jorge Amado nunca teve o desejo de entrar para a academia transformado em ambição, mas sempre acalentei o sonho de ser um dos ocupantes daquela cadeira”

Para o Diário Carioca, em matéria intitulada “Gabriela na Academia: Jorge imortal unânime”²⁵, o autor, que havia sido opositor a ABL, logo após ter sido eleito, muda o tom de seu discurso, afirmando que a “a academia é o sonho de todo escritor. É a casa da realização de todos nós. O fato de ser imortal aos 43 anos, deixa-me feliz, muito feliz”. Em *Navegação de cabotagem*, em 1992, dá sentido a esta atitude de exaltação da Instituição, justificando ao entrar na Academia imaginava reformá-la, o que não se mostrou possível 30 anos depois, quando faz uma espécie de balanço, em suas palavras:

“Ao ingressar na Academia Brasileira o imortal (sic) recente, de fardão novinho em folha, tem a ilusão que irá reformar a instituição, limpar-lhe o ranço, acabar de vez com os preconceitos e as pequenezas, fazê-la como ela devia ser, a Academia, e não será jamais”. (AMADO, 2006: 213)

A entrada de Jorge Amado para a ABL foi largamente noticiada na imprensa. O Globo, em 7 de abril de 1961, destaca que Jorge foi candidato único, eleito por unanimidade. Inúmeras reportagens destacam o importante papel de Jorge como autor internacional e consagrado; sendo estes elementos relevantes para a Academia, na medida em que este autor contribuí para reforçar o seu prestígio. Sobre o que a entrada de Jorge Amado representava para a Academia, o acadêmico Ivan Lins declarou para o

²⁵ Diário Carioca, 7 de abril de 1961. Pesquisa realizada no arquivo da ABL.

jornal que o mais importante neste caso era o valor literário, que na ABL ficava acima das posições políticas:

“Foi uma eleição que honrou o candidato e a academia. Esta provou, que mais uma vez, que aqui cabem escritores de todas as crenças e descrenças: católicos, positivistas, ateus, reacionários, comunistas, simpatizantes. O essencial é que, quaisquer que sejam as suas idéias filosóficas ou religiosas, os candidatos tenham valor”.

O jornal, em 7 de abril de 1961, reproduz uma declaração do presidente da academia, com o mesmo argumento sobre o valor literário da obra de Jorge Amado:

“A Academia vive hoje um dia feliz, porque trouxe ao seu seio uma das expressões mais altas e representativas da literatura brasileira. Jorge Amado tinha lugar marcado em nossa casa, por tudo o que tem feito no campo das letras, pelo prestígio que seu nome alcançou em toda parte onde se cuide dos bens da cultura. Ele é desses valores que ficariam bem no quadro de qualquer Academia, cujo critério da escolha fosse o mais rigoroso”.

O Diário Carioca, apresenta uma crítica ao autor, que pode ser observada desde o nome da matéria, publicada em 8 de abril de 1961, “Jorge, o imortal supérfluo”, na sessão de literatura do jornal. Destaca que o escritor Jorge Amado não precisaria da Academia e quem estava ganhando com seu ingresso era muito mais a Instituição do que o autor já tão consagrado. O único motivo para sua candidatura, apontado pela reportagem, seria a presunção do escritor. “Para que desejaria Jorge Amado a precária, a ilusória, a materialista glória acadêmica? Só há uma explicação: vaidade.” Além deste destaque a pequena matéria enfatiza a estranheza do fato, já que o escritor entrando na ABL selaria compromisso com as classes sociais que tanto acusou em seus romances. Em 19 de julho de 1961, o Diário de Notícias destaca que o significado de sua entrada na academia era vista por alguns setores da sociedade como uma ruptura de Jorge com o

seu passado - suas posições anti-acadêmicas e sua atuação política e por este mesmo motivo seria um fato marcante na vida literária nacional.²⁶

Em 16 de abril de 1961, a Folha de São Paulo estampava a matéria “A academia imortalizou um já imortal romancista”, narrando a história de vida e a obra do escritor até o processo de se tornar “imortal” pela Academia. Em 8 de julho de 1961, o Última Hora dava a seguinte manchete: “Imortal pela mão do povo”. Segundo o periódico, Jorge Amado declarou que chegou à academia pela mão do povo e que só com o povo tinha compromisso.

O Estado de São Paulo, em 18 de julho de 1961, afirmava que “em seu discurso o novo imortal rememorou o combate que movera à Academia, na sua mocidade, quando então condenava a política da Casa de Machado de Assis. Justificou, porém, sua posição, que considera caminho normal de todos os que terminam por entrar para a academia. Combatem-na a principio, para defendê-la depois. “Os anos e a experiência – afirmou – mais tarde mostram-nos os erros e nos indicam o caminho certo””. O Jornal do Brasil, na mesma data, enfatiza que Jorge Amado, no seu discurso de posse na ABL, revelou ter participado de um movimento secreto para acabar com ela, e que só não levou o projeto avante porque alguns irmãos de Luz de uma tenda espírita do largo do terreiro de Jesus, em Salvador, intercederam em favor dos acadêmicos. Citando Castro Alves, seu conterrâneo, que guiou a sua inspiração e sua rebeldia contra a opressão social e pela liberdade, “Jorge Amado definiu a sua entrada na ABL como uma vitória dessa luta a favor do submundo em que viveu e vivem seus personagens”.

Em 1977, Rachel de Queiroz torna-se a primeira mulher a ser eleita pela Academia Brasileira de Letras. Quinta ocupante da Cadeira 5²⁷, eleita em 4 de agosto de 1977, na sucessão de Candido Motta Filho, foi recebida pelo Acadêmico Adonias Filho em 4 de novembro de 1977.²⁸ Competia com Rachel pela vaga o jurista Pontes de

²⁶ Ver como a imprensa comunista noticiava o fato.

²⁷ A cadeira 5 tem por fundador Raimundo Correia, e foi ocupada por Osvaldo Cruz, Aloísio de Castro, Cândido Mota Filho, Rachel de Queiroz e, atualmente, é ocupada por José Murilo de Carvalho.

²⁸ A primeira mulher a tentar entrar para a Academia foi a romancista Amélia de Freitas Bevilaqua, em 1930. Sua candidatura foi recusada em votação do plenário, e pela primeira vez a Academia se viu forçada a declarar publicamente sua posição contrária à entrada de mulheres, com o argumento de que a palavra *brasileiros*, que consta no estatuto, referia-se apenas a indivíduos do sexo masculino. Depois

Miranda, que foi eleito na vaga seguinte. A autora recebeu 23 votos a favor, 1 em branco e 15 contra.

Em seu livro de memória, Rachel de Queiroz menciona que não tinha a idéia de entrar para a Academia, nem envolveu-se muito em associações porque o “que importa é o que você escreve, o que você pinta, o que você cria. Jamais ninguém me convenceu de que você melhora ou piora a sua qualidade literária se passar a freqüentar associações, sessões culturais e o mais do gênero. Para mim, arte é só o corpo a corpo entre você e a criação.” (RACHEL, 1998: 210). Esta citação explicita a posição da autora, que está mais próxima dos defensores da arte pela arte. No entanto, destaca que com passar dos anos, vários de seus amigos foram ingressando na Academia, entre eles Otávio de Faria, Afonsinho (Afonso Arinos), Aurélio Buarque, e Adonias Filho, que teve a idéia de eleger Rachel para a Academia. Ela havia feito a campanha vitoriosa para a entrada dele, juntamente com Otávio de Faria, Afrânio Coutinho, Jorge Amado e os demais baianos da Casa; depois participou da campanha para a eleição de Otávio. Foi então que ambos iniciaram a campanha para a entrada de mulheres na Academia. Nas palavras de Rachel, “não contaram contudo, com a minha colaboração em nada. Como já disse, sou tímida e jamais lutei por títulos, premiações, lauréis.” (RACHEL, 1998: 210)

A candidatura de Rachel de Queiroz é muito marcada pelo componente de gênero, já que a autora foi a primeira mulher a ser eleita para a Academia Brasileira de Letras.²⁹ No entanto, chama a atenção nesta eleição, justamente, a postura da escritora que nega esta como uma vitória das mulheres, ao adotar uma postura anti-feminista. Em O Globo, em 5 de agosto de 1977, a autora declara: “como não sou feminista, não posso estender esta vitória de uma única escritora a todas as mulheres. Entendo sim, que

deste evento, esta interpretação foi incorporada ao Regimento Interno, a fim de evitar nova ousadia. Apenas oito acadêmicos defenderam a entrada de mulheres na ocasião: Feliz Pacheco, Laudelino Freire, Ademar Tavares, Luiz Carlos, Afonso Celso, Augusto de Lima, Fernando de Magalhães e João Ribeiro. Somente na década de 1970, iniciou-se, dentro da própria Academia, uma forte pressão para a admissão de mulheres, o que culminou a suspensão do veto ao ingresso de mulheres na Academia, por 24 votos. (COSTA E SILVA, 1999: 115-120).

²⁹ Após o ingresso de Rachel de Queiroz, apenas outras seis mulheres ingressaram na ABL. Considerando-se a ordem cronológica de eleição (e não de empossamento), a Academia assiste aos ingressos da já mencionada Dinah Silveira de Queiroz, em 10 de junho de 1980; de Lygia Fagundes Telles, em 24 de outubro de 1985; de Nélida Piñon, em 27 de julho de 1989; de Zélia Gattai, em 7 de dezembro de 2001, Ana Maria Machado, em 24 de abril de 2003 e Cleonice Berardinelli, tornando-se evento extraordinário.

vitória foi da ABL consentir a entrada de mulheres”. Em O dia, em 06 de agosto, nova afirmativa da autora de que não é feminista; segundo a autora, entrou para a Academia como escritora e não como mulher, como se estas condições pudessem acontecer de forma separada. Na mesma reportagem, declara: “Escrevo para ganhar dinheiro. Se pudesse, nem assinava o nome. A verdade é que eu não sou romancista. Sou boa dona de casa, melhor cozinheira que escritora”. Em 4 de novembro de 1977, no Última Hora, a autora declara mais uma vez que sua posição anti-feminista: “Eu comparo essa rebelião feminina ao que aconteceu com o Concílio Vaticano Segundo. Uma sede de liberdade que embriagou um pouco. (...) Eu espero que as mulheres voltem aos trilhos e ao sentimento de uma feminilidade que é biológico. O que as mulheres não entendem é que estão sendo mulheres e homens ao mesmo tempo. Isso tudo me deixa muito chocada”.

Novamente a questão de gênero aparece em outra declaração (Última Hora, 17/08/1977), agora do acadêmico Octavio de Faria, que defendia a candidatura da autora, destacando a qualidade de seu texto literário: “Para mim problema de sexo e literatura não interessa. Em Rachel de Queiroz escritora pouco importa o sexo, a feminilidade. O que interessa, é a escritora em si, o depoimento, o “escrito”: o romance, a obra teatral, as crônicas. Ora, mulher ou homem, quem o poderia ter dado melhor depoimento do que ela deu?”.

Os agradecimentos da autora pelas felicitações dadas pelo presidente Geisel também aparecem em destaque na imprensa, reforçando a afirmativa que a autora era candidata do Regime Militar. Noticiam o fato O Correio do Povo, em 11 de agosto de 1977; O Diário de Petrópolis por sua vez afirmou que Rachel “declarou-se feliz em saber que o presidente Geisel é seu leitor e elogiou sua atuação no governo – bem mais difícil que escrever livros – e que vem sendo cumprida com tanta bravura, sabedoria e patriotismo”; e o Última Hora, em 14 de agosto, retrata as opiniões divergentes, mas destaca a vitória de Rachel como do governo.

Em 16 de agosto de 1977, O Jornal do Brasil divulga declaração do advogado Francisco Talaia O'Donnell, cujo posicionamento indica preferência no ingresso do jurista e escritor Pontes de Miranda, devido a sua superioridade intelectual frente a Rachel³⁰. Em 22 de agosto de 1977, o mesmo jornal destaca que Rachel era uma

³⁰ Esta mesma posição aparece em vários jornais, como O Jornal de Santa Catarina, em 20 de agosto de

escritora mais popular que o jurista, “O jurista Ponte de Miranda é, inegavelmente um escritor cuja obra já o imortalizou, mas é possível que só aos ricos tenham sido destinados seus ensinamentos. Cabotino por excelência, faltou-lhe grandeza interior para, descendo do pedestal onde foi colocado pela sua vaidade reconhecer os méritos que levaram Rachel de Queiroz à vitória me pleito memorável da Academia Brasileira de Letras, preferindo atribuí-la ao governo pelo fato de a escritora pertencer ao conselho federal de cultura”.

Oswaldo Orico, que havia sido justamente o autor da emenda que permitiu a eleição de uma mulher para a ABL, contestou a vitória da autora publicamente em diversos jornais, com declarações do tipo “ganhou Rachel, mas perdeu a Academia”, “foi um claro efeito de pressão de fora, principalmente por parte do Conselho Federal de Cultura”³¹, “A vitória foi mais exatamente do Conselho Federal de Cultura, que é a sucursal da Academia Brasileira de Letras”³², segundo ele Rachel era “autora de um romance e de algumas obras de valores discutíveis”.³³ Oswaldo denuncia ainda o trabalho de Adonias para eleger Rachel de Queiroz como uma retribuição “pois foi ela com seus poderes mágicos quem o colocou na presidência do CFC”.³⁴ Adonias Filho, por sua vez, refuta os argumentos³⁵, onde reafirma as qualidades literárias da escritora e o apolitismo da Academia: “O Conselho Federal de Cultura não decide nada sozinho, nem o seu presidente pode eleger ninguém isoladamente. Isso seria e é um desrespeito aos acadêmicos, todos eles capazes de decidir em quem votar sem ajuda ou orientação de ninguém, por serem isentos de compromissos à exceção do compromisso com a cultura e a literatura. A eleição foi para a ABL e Rachel de Queiroz tem presença há mais de meio século na literatura e na história brasileira. Respeito e não discuto a

1977, destacando que Pontes de Miranda enviou à candidata vitoriosa foi uma “corbeille” de flores, acompanhada de três livros de sua autoria. “Evidentemente sem querer esnobar, um livro é escrito em português, outro em inglês e o terceiro em alemão, com dedicatória escrita no idioma da obra.

³¹ Diário da Tarde, em 6 de agosto de 1977

³² Jornal do Brasil, em 5 de agosto de 1977. O Jornal também apresenta, na mesma ocasião, uma foto de Jorge Amado e uma reclamação, onde o autor afirma que “A Academia é riquíssima, mas paga muito mal”.

³³ Em 5 de agosto de 1977, no jornal O Estado de São Paulo denuncia a articulação de Adonias Filho que, em sua opinião, não havia permitido que a escritora Dinah de Silveira de Queiroz também pleitasse a candidatura, para facilitar a vitória de Rachel de Queiroz.

³⁴ Rachel fez parte do Conselho Federal de Cultura, entre os anos de 1967 até 1985.

³⁵ O Globo, 5 de agosto de 1977.

capacidade de jurista de Pontes de Miranda, mas Rachel de Queiroz é uma grande ficcionista e está eleita para o lugar certo”.

O Estado de Minas, em 6 de agosto de 1977, destaca posições divergentes frente à Academia por parte outros escritores, como Lúcia Machado de Almeida, que apesar de achar que é uma grande conquista para a mulher, foi taxativa em afirmar que não se candidataria a uma vaga, mesmo se ela existisse, na ABL. Enquanto o escritor Wander Pirolli, diz “não acho estranho a entrada de mulheres para a academia, o que estranho é ainda existir esse tipo de instituição. Wander explica que foi surpreendido com a entrada de Raquel de Queiroz para a ABL porque não sabia que existia a Academia. “Pensei que ela tivesse acabado no século XIX. Tenho certeza que o povo brasileiro não sabe da existência dessa instituição”, afirma ele.

Em entrevista concedida a Revista Visão, em 31 de maio de 1989, Rachel declara que “A academia é muito malvista, muito ridicularizada, mas na verdade é um clube de escritores, que cuidam das coisas literárias, num convívio afetuoso. Ali reina a democracia, na qual convivem o fascista mais feroz e o comunista mais ardente. Lá dentro a gente se entende, briga e faz as pazes porque, sendo vitalício, não é bom se dar ao luxo de ficar de mal”.

Jorge Amado escreve um romance em que parodia a disputa em torno da vaga do acadêmico Antônio Bruno, poeta e boêmio, que falece de infarto e abre uma vaga na Academia Brasileira de Letras. A primeira edição do livro *Farda, Fardão, Camisola de Dormir* é publicada em 1979, pela Editora Record. O romance é situado no início da década de 1940, quando estava em curso a Segunda Guerra Mundial e vivíamos sob a ditadura do Estado Novo. A sociedade de fato encontrava-se polarizada entre nazistas e anti-nazistas, e os personagens de Jorge incorporam estes papéis. Ao se candidatar a vaga de Antonio Bruno, o coronel Agnaldo Sampaio Pereira, chefe da repressão política do Estado Novo e um dos principais defensores do alinhamento do Brasil ao eixo nazi-fascista, dá início ao conflito. O romancista Afrânio Peixoto e o ensaísta Evandro Nunes dos Santos, amigos do poeta morto, articulam uma candidatura opositora que, na opinião deles, para sair vitoriosa teria que ser de outro militar, de patente superior, mas opositor ao Governo Vargas. Convencem então o general reformado Waldomiro Moreira a candidatar-se. A campanha torna-se uma verdadeira guerra, onde são

utilizados os mais variados recursos, oficiais e extra-oficiais³⁶, e Agnaldo morre de infarto ao saber que foi derrotado. Em seguida, os acadêmicos articulam nova campanha contra o então candidato único Waldomiro, desta vez para impedir que um militar ocupasse a vaga do poeta. Waldomiro recebe todos os votos em branco e ao saber da notícia, também morre de enfarto. (AMADO, 2009)

Esta parodia nos ajuda a refletir sobre a entrada de Rachel de Queiroz para a ABL. Sua candidatura foi muito bem articulada, primeiramente sendo votada a mudança no estatuto que permitia às mulheres se candidatarem. A eleição seguinte foi justamente quando a autora saiu vencedora. Já que as mulheres passaram a poder fazer parte da Academia, era mais conveniente que uma aliada do governo fosse eleita. Portanto, as acusações de que o Conselho Federal de Cultura influenciou a eleição são pertinentes. Por outro lado, como a ABL é um círculo muito restrito, as relações pessoais³⁷ e familiares³⁸ interferem diretamente na disputa. Não se entra para a Academia sem que se esteja inserido numa rede de importantes relações pessoais. São, geralmente, os amigos e parentes que convidam, cortejam e patrocinam as candidaturas, o que fica evidente no caso de nossos autores.

A entrada de Rachel para a Academia foi fortemente marcada questão de gênero. Muitos questionamentos aparecem em torno de sua candidatura; entre seus opositores estavam os contrários à entrada de mulheres, os favoráveis que defendiam outras candidaturas de mulheres e os partidários do outro candidato, que fizeram o possível para desqualificar os méritos literários da autora. Por outro lado, a autora era de fato muito próxima ao regime militar, o que não era bem visto pelos setores mais democráticos da sociedade.

Em relação a Jorge Amado, alguns setores da imprensa reforçam sua mudança de postura política, de opositor a membro da Instituição. Dentro da Academia, o autor que a referencia em seu discurso de posse, assume uma postura ambígua, como fica clara em seu livro de memórias. No entanto, Jorge é um escritor consagrado, já na

³⁶ O poeta Antonio Bruno teve várias mulheres durante a vida e elas entram na campanha, seduzindo os acadêmicos para votarem em Waldomiro, e depois em branco.

³⁷ Conforme demonstra Rachel em suas declarações, reproduzidas acima.

³⁸ Jorge Amado é primo dos irmãos Gilberto Amado e Genolino Amado. Rachel é prima por afinidade de Dinah Silveira de Queiroz, casada com o primo de Rachel Narcílio Queiroz.

década de 1960 podia viver há mais de vinte anos exclusivamente dos direitos autorais pela venda de seus livros,³⁹ e sua entrada traz prestígio à ABL. O fato do autor ter sido comunista, também contribuí para o argumento de que vigora o princípio do apolitismo na Instituição. Jorge Amado, nesta ocasião, havia rompido com o Partido Comunista desde 1956 e, no período da ditadura militar, que se instaurou apenas três anos após sua entrada para a Academia, é quando sua literatura se afasta das questões sociais, e volta-se para o aspecto mais cultural da sociedade. As posições políticas e as opções estéticas caminham mais próximas do que uma visão elitista da arte propaga. Aliás, são justamente nos espaços onde se defende que não há interferência política, é onde esta se dá de forma menos democrática e mais conspiratória, onde a ABL seria um exemplo paradigmático. O autor aliava em sua literatura e em sua personalidade, o estereótipo do homem cordial, de Sergio Buarque e da mestiçagem como fator positivo de nossa nacionalidade, nos termos consagrados por Gilberto Freyre.

A Academia é uma combinação de prestígio pessoal e vantagens financeiras. Dentre as vantagens financeiras, destaca-se o jeton e demais benefícios, como plano de saúde, a participação no lucrativo mercado de conferências e palestras. As vantagens financeiras também decorrem indiretamente do reconhecimento por fazerem parte desta restrita confraria de intelectuais; que se realimenta em torno dos mitos e ritos que definem a Instituição, em constante processo de invenção e reinvenção de suas tradições, já que este conceito é um de seus principais pilares.

A ABL também é uma forma de manter o autor com destaque na imprensa, no mercado de palestras e ainda no de livros paradidáticos⁴⁰. O Diário do Nordeste afirma que a “conceituada revista “Imprensa” confirma em pesquisa: Rachel de Queiroz e Jorge Amado são os únicos escritores brasileiros conhecidos em todos os segmentos sociais”. Jorge mais marcado pelos romances e Rachel por sua coluna semanal⁴¹ na Revista O Cruzeiro, que era a mais popular do período, atingindo grandes tiragens. Em

³⁹ Gabriela, no final da década de 1950, havia sido um grande sucesso de vendas. Em 1966, os livros *Dona Flor e seus dois maridos* e *Tenda dos milagres* tiveram em suas primeiras edições tiragens de 75000 exemplares cada.

⁴⁰ A ABL, durante muitos anos, influenciou a escolha dos livros de literatura adotados nas escolas. Apenas recentemente esta escolha foi sendo democratizada.

⁴¹ Sua coluna, intitulada última página, foi publicada durante 30 anos.

1 de janeiro de 1978, o Correio do Povo inclui Rachel entre os “Destaques femininos de 1977”. Rachel figura na lista ao lado de Clarice Lispector, Sônia Braga, Rainha Elizabeth, das duas irlandesas ganhadoras do prêmio Nobel da paz, entre outras. Inúmeras são as publicações de fim de ano, em 1977, onde Rachel figura entre as personalidades do ano. Estar na Academia portanto é, ao mesmo, tempo, devido as suas próprias contradições entre seus pressupostos de instância que funciona de forma autônoma e a interferência de outros campos, como o da política, além dos interesses econômicos, consagração e desqualificação. Ao analisar esta Instituição, fica claro que os espaços pretensamente apolíticos da arte, conforme propagam os defensores do critério puramente estético de julgamento, são constituídos por conflitos e disputas para dentro do campo da arte, mas constantemente para fora dele, pois ambos encontram-se articulados, assim como os posicionamentos e as questões estéticas.

Referências bibliográficas

AMADO, Jorge. “Discurso de posse na Academia Brasileira”. In *Jorge Amado: povo e terra. 40 anos de literatura*. São Paulo, Martins, 1972: 3-22.

_____. *Navegação de cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*. Rio de Janeiro, Record, 2006 [1992].

_____. *Farda, Fardão, Camisola de Dormir*. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo, Companhia das letras, 1992.

_____. *Razões práticas*. Campinas, Papyrus, 1996.

COSTA E SILVA, Valeria Torres da. *O segredo da imortalidade. Uma etnografia da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro, Museu Nacional/ UFRJ, 1999 [dissertação de mestrado].

EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República 1897-1924*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2000.

HOBBSBAWN, Eric & Ranger, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

QUEIROZ, Rachel & QUEIROZ, Maria Luíza de. *Tantos anos*. São Paulo, Siciliano, 1998.

RODRIGUES, João Paulo. *A dança das cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras*. Campinas, Unicamp, 1998 [dissertação de mestrado].